

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE SERES HUMANOS E ANIMAIS SEGUNDO A VIVÊNCIAS DE MÉDICOS VETERINÁRIOS ONCOLOGISTAS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n1-193>

Data de submissão: 24/12/2024

Data de publicação: 24/01/2025

Silvio Luiz Negrão

Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Blumenau - Santa Catarina, Brasil

E-mail: snegrao@furb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3291-5489>

Ana Lucia Pascoli

Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Blumenau - Santa Catarina, Brasil

E-mail: apascoli@furb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6893-3312>

Felipe Noleto de Paiva

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Jaboticabal, São Paulo, Brasil

E-mail: n-paiva@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9324-5618>

Andrigo Barboza de Nardi

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Jaboticabal, São Paulo, Brasil

E-mail: andrigobarboza@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6463-2144>

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi conhecer e entender as crenças das pessoas envolvidas no atendimento de pacientes oncológicos, bem como os envolventes emocionais, sociais e éticos do evento de tomada de decisão relacionada ao processo saúde-doença do animal. Esta pesquisa foi de natureza exploratória, pois pretendeu apontar comportamentos e eventos de interesse na clínica veterinária oncológica. Para tanto, foi realizada uma amostragem por conveniência com quatro profissionais Médicos Veterinários, através de entrevista semiestruturada com duração média de 20 minutos. Após análise das narrativas ficou evidente a necessidade de se investir na capacitação para a comunicação de notícias difíceis entre Médicos Veterinários e proprietários de cães com câncer. Sugere-se que sejam desenvolvidos protocolos de comunicação de notícias difíceis, trabalhando de forma multidisciplinar e interdisciplinar na graduação, residência e pós-graduação em Medicina Veterinária. Por fim, julga-se fundamental dar atenção à saúde psicológica de Médicos Veterinários oncologistas dando suporte para aprenderem enfrentar o luto e a lidar melhor com a impotência de perder seus pacientes para o câncer.

Palavras-chave: Cão. Médico Veterinário. Oncologia. Saúde Emocional.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil compreende hoje o segundo maior mercado mundial de pets estimando uma população de cerca de 37,1 milhões de cães domiciliados. Além disso, o câncer tem ganhado uma notável importância na Medicina Veterinária, com estudos que evidenciam, nas últimas décadas, a doença se mantendo entre as duas primeiras causas de morte ou razões para eutanásia em cães em diferentes países ao redor do mundo (Daleck; De Nardi, 2016; Vail et al., 2020). Nesse contexto, observa-se que o fortalecimento do vínculo entre ser humano e animal exige que os Médicos Veterinários proporcionem mais qualidade de vida aos seus pacientes, além de maior comprometimento em suas escolhas terapêuticas e orientações. Em especial, quando a família está cuidando de um animal idoso, doente ou doente terminal (Villalobos, 2011; Barbosa, Boff, 2023).

Para Hendren et al. (2012), pacientes humanos diagnosticados com câncer apresentam uma redução da qualidade de vida durante e após o tratamento em maior ou menor grau, dependendo do seu estado físico, social, econômico e psicológico. Assim, afirma o autor que a detecção dessas alterações da qualidade de vida provocadas pelo tratamento é fundamental para levantar os domínios afetados e planejar as intervenções da equipe de saúde juntamente com os familiares para reabilitação desses indivíduos, controle de sintomas, efeitos adversos e diminuição da mortalidade. Situação semelhante deve ser promovida quando o paciente é um cão e sua “família humana” irá cuidá-lo durante o tratamento oncológico.

Entretanto, deve-se dar especial atenção às observações de Dóro et al. (2004) ao investigar o câncer humano e sua representação simbólica. Estes autores destacam que as expectativas negativas causam prejuízos, pois as crenças preconcebidas existentes na sociedade e no campo médico, em relação ao câncer, causam maléficos diretos ao paciente. Estes autores apontam que para a população em geral, o câncer é sinônimo de morte e o tratamento – quer seja por radioterapia, quimioterapia ou cirurgia – é drástico e negativo e, quase sempre, tem efeitos colaterais desagradáveis. O efeito mais devastador é que as expectativas são demarcadas pela imagem da própria dor e da morte, gerando uma espécie de “profecia autoelaborada”. Em vez de conseguir aceitar o processo e realizar o enfrentamento, sucede-se a maximização das dificuldades (Dóro et al., 2004).

Há que se considerar que dependendo da relação afetiva do proprietário, os animais ocupam uma posição de destaque no domicílio e acabam por receber um “direito de escolha” (Hill et al., 2008; Kennedy; Mcgarvey, 2008). Mas, no momento em que está doente, o cão não pode manifestar a sua preferência, ficando subjugado à preferência de seu responsável. Desta forma, é importante conhecer a fundo as vivências e representações que as pessoas envolvidas com esta escolha têm dessas experiências de vida, a citar: os profissionais Médicos Veterinários.

O objetivo deste trabalho foi descrever e aprofundar a discussão acerca do status social do cão paciente oncológico para o profissional Médico Veterinário além de conhecer as vivências, as experiências e representações dos profissionais envolvidos no processo saúde-doença de cão paciente oncológico.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa realizada teve caráter qualitativo exploratório, pois é necessário definir o problema com maior precisão e os fenômenos observados, reportados e vivenciados, sendo apresentados como um recorte, que a priori, constitui o presente relato e o objeto de reflexões.

Os dados foram obtidos junto ao Serviço de Oncologia Veterinária - SOV do Hospital Veterinário Governador Laudo Natel, UNESP/Jaboticabal, São Paulo, com coleta realizada no mês de maio de 2016. Foram entrevistados profissionais atuantes no atendimento de cães pacientes oncológicos, sendo realizada uma amostragem por conveniência com quatro profissionais Médicos(as) Veterinários(as). O número de entrevistados ou o “N” amostral teve seu fechamento por exaustão, ou seja, foram incluídos todos os indivíduos disponíveis nos dias em que ocorreram as entrevistas e que concordaram com a participação mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Para garantir o anonimato dos entrevistados, introduzimos as falas por meio das abreviaturas utilizando “VET” para Médicos Veterinários especialista em oncologia.

Como critérios de inclusão para esta pesquisa foram considerados Médicos Veterinários especialista em oncologia aqueles profissionais que trabalham diariamente e exclusivamente na área de oncologia, seja na clínica ou na cirurgia. Para os critérios de exclusão aplicaram-se os critérios: Médicos Veterinários generalistas ou com outra especialidade e especialistas em oncologia com menos de dois anos de experiência na área.

Devido a sua natureza e técnica de coleta de dados, a partir da formulação das questões norteadoras, a entrevista seguiu o percurso do pensamento do entrevistado, focalizando e aprofundando os conteúdos evocados relativos aos objetos de representação. As entrevistas foram agrupadas segundo as questões norteadoras e em seguida foram destacadas as palavras que apresentavam relação com os objetivos da pesquisa. Posteriormente, selecionou-se as frases ou orações para se efetuar a análise e interpretação de conteúdo, procurando destacar o contexto do qual faz parte a mensagem. Deste momento em diante, buscou-se estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões norteadoras da pesquisa com base em seus objetivos. Assim, tentou-se promover relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática. Para esta pesquisa definiu-se três questões norteadoras, referenciadas na Tab. 1.

Tabela 1 - Questões aplicadas aos proprietários entrevistados.

Número	Questão
1	No seu contexto pessoal e profissional, o que significa ter um cão?
2	Como é dar a notícia que seu paciente (cão) tem câncer?
3	O que te ajuda a decidir qual caminho seguir (tratamento, eutanásia, deixar como está) após a confirmação do câncer?

Cabe ressaltar que durante a realização deste estudo foram respeitadas todas as normas éticas para pesquisa com seres humanos. Após esclarecimentos iniciais e, uma vez que tenha havido o aceite, o participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, recebendo uma cópia de igual conteúdo.

Essa pesquisa contou com apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina – CEP/FURB, via Plataforma Brasil, sob Parecer Consustanciado de número 1.520.460.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação as respostas à questão norteadora 1 os médicos veterinários reconhecem que o cão é um membro da família, entendido como companheiro que participa dos momentos íntimos das pessoas. Foi possível observar de forma clara e objetiva que se trata de uma relação afetiva, baseada na fidelidade e na capacidade do cão de proporcionar felicidade e despertar o sentimento de acolhimento, conforme respostas descritas na Tab. 2.

Tabela 2 - Descrição parcial das respostas à questão norteadora 1.

Identificação	Resposta
MV-1	“Um parceiro, uma companhia que cria um vínculo e passa um tipo de energia. [...] Companheiro fiel que não vai te trair, te faltar”.
MV-2	“Companheiro. [...] Quando criança é porque eu amava muito eles. Agora, é mais para satisfazer uma necessidade minha. [...] Peguei um animal de estimação porque sentia solidão”.
MV-3	“É mais um membro da família. [...] Cria um laço afetivo muito grande”.
MV-4	“Alegra a casa, aproxima as pessoas dentro de casa. [...] Eu acho que eles dão leveza para a vida da gente, é muita felicidade ter um cachorro, ter um animal”.

Mesmo não abordando a relação de poder que envolve a posse de um cão, este complexo universo da relação ser humano com o animal é parte do dia a dia de muitas famílias em todo o Mundo. Levantamentos mostram que mais de 83% dos australianos tiveram um animal de estimação em algum momento de suas vidas (Eithne; Akers, 2011). Dos proprietários australianos de animais de companhia, 91% relatam que se sentem “muito perto” de seu animal. Estes dados reforçam a concepção de que os animais de companhia são membros efetivos da família humana (expandida ou

multiespécie), pois estes seres humanos compartilham relações emocionais e afetivas duradouras com seus animais dentro de uma complexa distribuição de poder.

Em relação às respostas à questão norteadora 2, todos os MV identificam e ressaltam que este momento da revelação do diagnóstico é muito difícil tanto para os proprietários quanto para eles. Ao longo das narrativas foi possível perceber que estes profissionais acreditam que para o proprietário este momento possui grande impacto e traz à tona a real natureza da relação entre proprietário e o cão. Ou seja, a revelação do diagnóstico pode mudar completamente a relação da família com o animal em grande parte porque a simples suspeita de que o cão tem câncer já é suficiente para promover muita ansiedade e sofrimento antecipado. Por outro lado, a confirmação da suspeita – diagnóstico positivo para câncer – exige um grande comprometimento por parte do proprietário que é peça fundamental para se alcançar resultados satisfatórios no tratamento. Este momento ou processo de dar a notícia também é muito tenso para os médicos veterinários, gerando estresse e até sentimento de culpa, conforme observado nas respostas na Tab. 3.

Tabela 3 - Descrição parcial das respostas à questão norteadora 2, parte 1.

Identificação	Resposta
MV-1	“Às vezes eu recebo um proprietário que eu não conheço e acabo pedindo desculpas por estar dando uma notícia ruim”.
MV-3	“A gente sabe que a partir daquela notícia vai ser um sofrimento muito grande. Na maioria das vezes é uma notícia ruim”.
MV-4	“[...] A gente tem que ser realista, procuro também dar um pouco de esperança; depende muito de cada situação. [...] Se for falando logo de cara: seu cachorro tem câncer, vai dar metástase e dura um mês; eu acho que não é certo”.

Entretanto, o ponto comum foi à preocupação com o impacto da notícia. Reconhecidamente, a palavra câncer carrega um significado e um imaginário muito negativo. Foram identificadas diferentes estratégias para amenizar este impacto negativo, conforme Tab. 4.

Tabela 4 - Descrição parcial das respostas à questão norteadora 2, parte 2.

Identificação	Resposta
MV-1	“Sempre procuro usar palavras que são mais sutis, que não são palavras fortes que não impliquem câncer, tem conotação forte, agressiva. Tento falar primeiro de tumor, neoplasia e deixo a palavra câncer para o final. E vou vendo como o proprietário reage, se ele está bem, entendendo e no final falo que é um tumor maligno que significa um tipo de câncer”.
MV-2	“O paciente são duas coisas que não se pode dividir: o proprietário e o paciente; você mexe com a unidade. Quando você não percebe isso já começa a errar”.
MV-3	“Tem que saber falar de uma forma mais sincera possível, mostrando a realidade, mas de uma forma que respeite o sentimento do proprietário”.
MV-4	“Eu procuro dar a notícia dando algumas soluções junto para que o impacto seja minimizado. Dar informações e indicar o melhor tratamento e o que ele precisa fazer no tratamento”.

No Brasil há modelos de anúncio de más notícias adaptados do Protocolo de Buckman (Borges et al., 2012) e do Protocol SPIKES (Baile et al., 2000). É importante analisar e adaptar para a realidade nacional as questões e passos que são apontados pelos dois protocolos anteriores, uma vez que surgiram em culturas diferentes (Pereira et al., 2004). Assim, o Protocolo PACIENTE propõe o seguinte anagrama: (a) preparação; (b) avaliação; (c) convite; (d) informação; (e) emoção; (f) não abandono; e (g) traçar uma estratégia (Pereira et al., 2004).

Este processo de dar uma má notícia além de ser difícil para os Médicos Veterinários devido a não padronização ou falta de treinamento específico dos protocolos já existentes, a exemplo da medicina humana, também é difícil em nosso tempo encarar a morte como fenômeno natural. Pois, com o avanço da ciência, tem-se uma falsa ideia de supremacia da ciência – técnica – tecnologia sobre os eventos naturais da vida, a citar, a morte. Nesta pesquisa os Médicos Veterinários narraram as estratégias para amenizar este impacto negativo da confirmação do diagnóstico de câncer, sendo: (a) evita usar a palavra câncer; (b) sinceridade; (c) respeito ao sentimento do proprietário; e (d) apresentar soluções para minimizar o impacto da notícia.

No entendimento de Borges et al., (2012) as Instituições de ensino da graduação na área as saúde tem papel fundamental na capacitação do futuro profissional nas habilidades de comunicação com o paciente.

“[...] comprehende-se que o desafio das instituições formadoras consiste em: 1 – fomentar a formação de habilidades e competências comunicacionais; 2 – integrar nas discussões sobre os casos clínicos, além dos aspectos técnicos, os conteúdos emocionais que emergem no estudante a partir do contato com o doente; 3 – introduzir o mais brevemente possível ações interdisciplinares a fim de favorecer o aprendizado do trabalho em equipe; 4 – incentivo à formação de competências por meio de atividades, como minicursos e palestras (Borges et al., 2012).”

Para Andrade et al., (2014) ao abordar a comunicação de notícias difíceis entre enfermeiros e paciente terminal, ressaltam que esta tarefa é difícil de ser realizada, devido à falta de preparo para lidar com os aspectos subjetivos que envolvem esse processo, como o sofrimento manifestado pelo profissional e as reações do paciente. Neste mesmo estudo, as autoras citadas concluem que ficou evidente, através dos depoimentos dos participantes do estudo, “que os enfermeiros assumem papel fundamental na integralidade do cuidado, ao desenvolver estratégias que ajudam o paciente a compreender sua situação atual e a aderir ao tratamento, promovendo um relacionamento interpessoal efetivo”. Situação semelhante ocorre na Medicina Veterinária onde na maioria das vezes o Médico Veterinário é quem cuida da medicação e do acompanhamento do paciente além de dar atenção ao proprietário para o enfrentamento deste período de tratamento e de incertezas. Entretanto, nossos

cursos de graduação e de pós-graduação não preparam os futuros profissionais nem qualificam os profissionais presentes em comunicação voltada para as notícias relacionadas ao diagnóstico, tratamento e prognóstico das enfermidades que acometem os animais.

Curiosamente, não é recente a confirmação da importância de uma boa comunicação dentro da profissão, visto que Shaw et al. (2008) já salientavam que este é, exatamente, ponto fraco dos veterinários recém-licenciados.

Quanto as respostas à questão norteadora 3, quando abordada a perspectiva dos Médicos Veterinários é importante verificar se as estratégias de dar a notícia do diagnóstico de câncer está permitindo uma maior influência e direcionamento por parte do profissional, consciente ou inconscientemente, de induzir a escolha do tratamento que este profissional julga mais promissor do ponto de vista técnico. Em seguida são apresentadas as narrativas do grupo de Médicos Veterinários apontando esse duelo entre os comportamentos básicos de cuidar, na Tab. 5.

Tabela 5 - Descrição parcial das respostas à questão norteadora 3, parte 1.

Identificação	Resposta
MV-1	“Quando vejo que tem chance, quando tem coisas que estão escritas [...] que a gente sabe que estão certas, eu tento reforçar esta ideia. Dou mais ênfase nas opções que a gente sabe que dá certo”.
MV-2	“Você passa suas decisões técnicas para o proprietário na forma de opções e o proprietário escolhe a opção e toma a decisão. [...] Não tem como um Veterinário não induzir. Eu tento não ser tão influente. Mas, sempre sensibilizamos uma opção para que o proprietário veja mais vantagens nela e tome a decisão”.
MV-3	“Acho que algumas vezes sim. Todas as vezes que a gente fala sempre coloca para o proprietário escolher. Mas, a gente sempre apresenta a melhor opção. De forma subjetiva, eu acabo tendendo a influenciá-lo para a atitude que eu acho melhor do ponto de vista técnico”.
MV-4	“Às vezes a gente acaba influenciando sim. A gente já tem em mente quais os possíveis tratamentos e fala: esse tratamento é o mais recomendado. Então, quando fala isso, acaba influenciando”.

Novamente, é necessário destacar que o proprietário do animal possui autonomia para decidir o que é melhor para o seu cão, para ele próprio e para sua respectiva família. Além disso, por questões legais essa autonomia não deve ser transferida ao profissional Médico Veterinário, visto que este possui normativas éticas que definem seus direitos e deveres. Também deve ser considerado as observações feitas pelos Médicos Veterinários entrevistados ao abordarem este aspecto das suas ações, descritas na Tab. 6.

Tabela 6 - Descrição parcial das respostas à questão norteadora 3, parte 2.

Identificação	Resposta
MV-2	“Todo especialista esquece o todo. Aí quando você esquece o todo perde o norte. E, muitas vezes a sua opção vai orientada para aquele câncer, não para o paciente”.

MV-3	“Acredito que dependendo das nossas palavras a gente tem o poder de influenciar”.
MV-4	“Mas, é uma influência boa. Embora nem todos proprietários aceitam”.

Conforme foi verificado nas narrativas dos médicos veterinários, o princípio da beneficência que aparece no juramento profissional também está presente nas reflexões sobre as estratégias e ações profissionais apontadas nesta pesquisa. O princípio da beneficência indica que temos a obrigação ou o dever de promover o bem. Assim, independe de desejar ou de querer, visto que é uma necessidade moral imposta pelo Código de Ética Profissional. Entretanto, acredita-se que muitas vezes se esquece de verificar se o bem que supostamente está sendo levado pela nossa ação é, verdadeiramente, um bem para aquele que recebe essa ação. Pois, caso a ação não seja identificada como bem por aquele que a recebe (neste caso o cão e o proprietário, nesta ordem), o princípio da beneficência não será alcançado. Conforme apontado acima, em vários momentos é possível identificar que este princípio está sendo praticado sem que haja esta verificação, sem ter esta garantia. Outra observação importante é que um princípio não anula o outro, e continua a necessidade de se respeitar o princípio da autonomia do proprietário como uma obrigação moral, visto que este tem a posse do animal.

Apesar das inúmeras discussões desencadeadas por esse tema, os animais são fruto de posse e são considerados como bens móveis – semoventes – e, em muitos casos, sencientes. Esta realidade e compromisso legal levaram o Conselho Federal de Medicina Veterinária – CFMV a publicar em 2012 o “Guia Brasileiro de Boas Práticas em Eutanásia em Animais - Conceitos e Procedimentos Recomendados”.

Nesse momento, deve ser perguntado se as ações praticadas estão levando em consideração todos estes aspectos ou, novamente estamos hierarquizando os comportamentos básicos de cuidar (compaixão, competência, confiança, consciência e compromisso) apontados por Roach (2002).

Inevitavelmente, a temática da perda não passou despercebida. Identifica-se uma dualidade de sentimentos e de justificativas que permeiam este dramático momento. A morte de um paciente durante ou após a quimioterapia não deve ser uma surpresa para os Médicos Veterinários do Serviço de Oncologia Veterinária – SOV. Ou seja, durante as narrativas dos médicos veterinários a perda de um paciente foi anotada como uma derrota para o câncer. Em alguns momentos fica clara a frustração de perder para o câncer, sem analisar a situação em que o animal encontrava-se, a carga psicológica e emocional dos proprietários ou das famílias e, as condições financeiras dos proprietários, conforme observado nas respostas constantes na Tab. 7.

Tabela 7 - Descrição parcial das respostas à questão norteadora 3, parte 3.

Identificação	Resposta
MV-1	“A parte mais triste é quando eu já tenho vínculo com o proprietário e depois de um certo tempo tenho que dar a notícia de uma metástase. [...] E, no final tem que fazer eutanásia”.
MV-2	“No câncer você não muda o destino fatídico da doença. Você acompanha esse processo da morte do paciente. Você adia essa morte, mas não cura; prolonga a vida com qualidade”.

Outro aspecto que apareceu nas narrativas dos Médicos Veterinários foi o impacto de enfrentar profissionalmente uma doença terminal. Os aspectos psicológicos dessa especialidade – oncologia – deveriam ser tratados com especial atenção em relação aos impactos positivos e negativos vivenciados diariamente na rotina da clínica. Em seguida são apresentados estes aspectos na Tab. 8.

Tabela 8 - Descrição parcial das respostas à questão norteadora 3, parte 4.

Identificação	Resposta
MV-1	“Me sinto realizado. Meu esforço é recompensado quando consigo falar para o proprietário as coisas certas, quando consigo explicar a questão dos tumores. [...] Sinto frustração com o câncer. Muita coisa não dá certo. Mas, é um desafio. Poder ajudar mais diminuiria a frustração”.
MV-2	“Eu que gosto de cachorro; que gosto de bicho; que quero curar, o câncer está me esgotando. Perder, por mais que você perca com dignidade não é bom. Você tem que ganhar uma que o motiva para continuar na luta”.
MV-3	“No balanço geral é sempre positivo, apesar de ter momentos de constrangimentos: fechar o diagnóstico, instituir tratamento [...]”.
MV-4	“Quando tenho que sugerir eutanásia é um dia muito triste que eu não gosto. Isso acaba afetando, a gente se sente até carregada dessas coisas”.

Há que se considerar que as atitudes e os comportamentos dos pacientes (no caso da medicina veterinária dos clientes) e também dos profissionais estão sujeitos a interpretações equivocadas por ambas as partes. Desta forma, estas relações estão em constantes mudanças, fato que pode gerar ainda mais estresse para todos os envolvidos. No estudo realizado por Glasberg et al. (2007), 16% dos médicos oncologistas estudados apresentavam exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal, sintomas compatíveis com níveis moderados ou graves da síndrome de estafa profissional ou Síndrome de “Burnout”. É importante relembrar que estudiosos de diferentes culturas dão diferentes definições à saúde mental. Conforme indica a Organização Mundial de Saúde - OMS, a saúde mental é algo mais do que a ausência de transtornos mentais.

Na tentativa de se fazer um paralelo com as indicações de Machado (1997) ao apresentar em seu livro “Os médicos no Brasil: um retrato da realidade”, que 80% dos médicos consideram a atividade desgastante devido ao excesso de trabalho, baixa remuneração, más condições de trabalho, responsabilidade profissional, a área de atuação ou especialidade, relação médico paciente, cobranças

e perda de autonomia. Para Martins (1991) o acompanhamento do adoecer em pacientes humanos gera uma grande carga emocional ao profissional da saúde devido à rotina de atendimento a pacientes terminais além das incertezas e limitações do conhecimento médico contrapondo o desejo de certezas e garantias de pacientes e familiares. Frente a esta realidade, não se pode ignorar que situações semelhantes estejam acontecendo com os Médicos Veterinários, em especial, os oncologistas veterinários. Assim, fazer de conta que o problema não existe pode ser mais um sinal de que o problema é maior do que se aparenta.

Satisfatoriamente e de forma muito positiva, apareceram nas narrativas dos Médicos Veterinários uma percepção de conforto aos momentos difíceis ou às batalhas perdidas. Apesar de ser unânime a preocupação com o estado de saúde e o bem estar dos pacientes, os Médicos Veterinários encontram alento nas relações estabelecidas com os proprietários, conforme exposto a seguir na Tab. 9.

Tabela 9 - Descrição parcial das respostas à questão norteadora 3, parte 5.

Identificação	Resposta
MV-1	“Gosto de mexer com esse aspecto emocional com o proprietário, ele acaba ficando amigo, criou um vínculo forte no estágio final do cachorro e a gente acompanha, essa parte é bem bonita. [...] Ter ajudado as pessoas ao ajudar os cachorros”.
MV-2	“Na oncologia você acaba criando um vínculo muito forte não só com o cachorro, senão com o proprietário. Eles viram amigos seus. [...] Este é outro tipo de satisfação”.
MV-3	“A gente acostuma a ajudar o proprietário psicologicamente, a gente tem influência nisso também”.
MV-4	“Estas situações me dá força para continuar fazendo cada vez melhor. [...] A maioria dos proprietários que a gente convive, apesar da maioria ficar pouco tempo por motivo da doença do seu cão, eles sempre ficam gratos pela qualidade de vida que a gente consegue dar para os cachorros”.

Conforme apontado por Dóro et al. (2004) ao trabalhar com o câncer e sua representação simbólica no ser humano, “a dor do morrer traz a consciência de que o profissional nem sempre pode evitar a concretização do temor maior, ou seja, a confirmação da morte, nem mesmo a que ilusoriamente lhe pertence”. Frente a esta realidade, o mesmo autor destaca em seu trabalho que os profissionais estudados também manifestaram uma atenção “de valorização à vida e mudanças de valores, devido à necessidade de trazer humanização a um contexto que requer cuidados que vão além do conhecimento científico”.

Novamente, levando em consideração uma pesquisa sobre a relação terapêutica entre médico e paciente humanos, Gabriel e Goto (2015) indicam que esta relação vem sendo construída ao longo

da história como uma relação de amizade, atrelada sempre aos significados e atribuições acerca da própria amizade, bem como suas implicações nas relações terapêuticas.

Desta forma, é possível inferir que a almejada saúde única também passa pela avaliação das nossas ações profissionais em relação aos clientes, aos animais e ao meio ambiente, mas também em relação à nossa própria saúde e bem estar. Nesta equação as relações humanas que serão inevitavelmente construídas com os nossos clientes e pacientes constituem uma forma importante de se encontrar satisfação, realização profissional e pessoal além de sentimentos de dever cumprido.

4 CONCLUSÃO

De imediato, se faz necessário relembrar que esta pesquisa é de natureza exploratória, ou seja, não se pretende estabelecer conclusões definitivas e sim apontar comportamentos e eventos de interesse na clínica veterinária, em especial, na especialidade de oncologia.

Esta pesquisa evidenciou a necessidade de se investir na capacitação para a comunicação de notícias difíceis entre Médicos Veterinários e proprietários de cães com câncer, ressaltando que esta tarefa é difícil de ser realizada, devido à falta de preparo destes profissionais para lidar com os aspectos subjetivos que envolvem esse processo, por exemplo, o sofrimento manifestado pelo proprietário e pelo profissional além das preocupações com o bem estar dos pacientes – cães. Desta forma sugere-se que sejam desenvolvidos protocolos de comunicação de notícias difíceis, como é o caso das doenças terminais, além de incentivar que esta área de conhecimento seja trabalhada de forma multi e interdisciplinar na graduação, residência e pós-graduação em Medicina Veterinária. Dentro do processo de comunicação julga-se fundamental avaliar as promessas de tratamento e levar em consideração as condições de saúde do animal juntamente com as condições financeiras dos proprietários. Também é importante lembrar que a compaixão, competência, confiança, consciência e compromisso não devem ser hierarquizados.

Igualmente importante é dedicarmos tempo e atenção à saúde psicológica dos Médicos Veterinários oncologistas, dando suporte profissional e pessoal para aprenderem a lidar melhor com a impotência de perder seus pacientes para o câncer.

Para os profissionais da saúde, inclusive os Médicos Veterinários, espera-se contribuir com a possibilidade de ampliar seus conhecimentos e reavaliarem as suas escolhas terapêuticas e suas orientações, levando em consideração as necessidade e preferências dos cães e não apenas os interesses de seus clientes ou aos seus interesses próprios. Aos animais, espera-se melhorar a qualidade de vida, ajudar a estabelecer relações éticas, promovendo um ambiente capaz de proporcionar mais

saúde e bem estar a todos os envolvidos, em especial, ao próprio animal, a família e aos profissionais da saúde.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C.G.; COSTA, S.F.G.; LOPES, M.E.L.; *et al.* Comunicação de notícias difíceis para pacientes sem possibilidade de cura e familiares: atuação do enfermeiro. Rev. Enferm. UERJ, v.22, n.5, p.674-679, 2014.
- BAILE, W.F.; BUCKMAN, R.; LENZI, R. *et al.* SPIKES – A six-step protocol for delivering bad news: application to the patient with cancer. Oncologist, v.5, p.302-311, 2000.
- BARBOSA, V. K.; BOFF, R. A. Família multiespécie: a predominância do afeto nas relações entre humanos e não humanos. Observatório de la Economía Latinoamericana, v. 21, n. 5, p. 2878–2892, 2023.
- BORGES, M.; FREITAS, G.; GURGEL, W. A comunicação da má notícia na visão dos profissionais de saúde. Tempus, Actas de Saúde Colet., v.6, n.3, p.113-126, 2012.
- DALECK, C.R.; DE NARDI A.B. Oncologia em cães e gatos. 2 ed. Rio de Janeiro: Roca, 2016, 1075p.
- DÓRO, M.P.; PASQUINI, R.; MEDEIROS, C. R.; *et al.* O Câncer e Sua Representação Simbólica. Psicol., Ciênc. Prof., v.24, n.2, p.120-134, 2004.
- EITHNE, M.; AKERS, K. “Quem fica com os gatos... Você ou eu?” Análise sobre a guarda e o direito de visita. Questões relativas aos animais de estimação após o divórcio ou a separação. Rev. Bras. Direito Anim., v.9, n.6, p.209-240, 2011.
- GABRIEL, L.R.; GOTO, T.A. A constituição histórica da relação terapêutica como uma relação de amizade no pensamento de Pedro Laín Entralgo. Rev. NUFEN, v.7, n.2, p.2547, 2015.
- GLASBERG, J.; HORIUTI, L.; NOVAIS, M.A.B.; *et al.* Prevalence of Burnout Syndrome among Brazilian medical oncologists. Ver. Assoc. Med. Brasil., v.53, n.1, p.85-89, 2007.
- HENDREN, S.; GRIGGS, J.J.; EPSTEIN, R.; *et al.* Randomized controlled trial of patient navigation for newly diagnosed cancer patients: effects on quality of life. Cancer Epidemiol. Biomark. Prev., v.21, n.10, 2012.
- HILL, R.P.; GAINES, J.; WILSON, R.M. Consumer behavior, extended-self, and sacred consumption: an alternative perspective from our animal companions. J. Bus. Res., v.61, n.5, p.553-562, 2008.
- KENNEDY, P.F.; McGARVEY, M.G. Animal-companion depictions in women's magazine advertising. J. Bus. Res., v.61, n.5, p.424-430, 2008.
- MACHADO, M.H. Os médicos no Brasil: um retrato da realidade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. 1997.
- MARTINS, L.A.M. A atividade médica: fatores de risco para a saúde mental do médico. Rev. Bras. Clín. Terap., v.20, p.355-364, 1991.
- PEREIRA, C.R.; LEMONICA, L.; BARROS, G.A.M. Comunicação de más notícias em medicina: protocolo PACIENTE. Ambito hosp., v. 182, p. 29-32, 2004.

ROACH, S.M.S. The human act of caring: a blueprint for the health professions. Canadian Hospital Association Press., 2002.

SHAW, J.R.; ADAMS, C.L.; BONNETT, B.N.; *et al.* Veterinarian-client-patient communication during wellness appointments versus appointments related to a health problem in companion animal practice. J AM VET MED A, v.233, n.10, p.1576-1586, 2008.

VAIL, D.M.; THAMM, D.H.; LIPTAK J.M. Withrow & MacEwen's Small Animal Clinical Oncology. 6 ed. St. Louis: Elsevier, 2020, 842p.

VILLALOBOS, A. Quality-of-life Assessment Techniques for Veterinarians. Vet. Clin. North Am. Small Anim. Pract., v.41, n.3, p.519-529, 2011.